

Tijuca: um lugar de memória na Música Popular Brasileira

Leila Medeiros de Menezes – UERJ

Falar da Tijuca é sem dúvida, falar de tradição, de celeiro da música, de paisagem bucólica (sim, ainda se pode desfrutar desse privilégio), de memória musical, dentre outras coisas.

Tijuca, bairro situado na zona norte da Cidade do Rio de Janeiro, vem se destacando, desde o seu surgimento, como um bairro charmoso e aprazível; local democrático de diálogo entre diferentes e diferenças. O nome é de origem indígena e quer dizer terreno argiloso e lamacento, bastante próprio, portanto, para o plantio de muitas espécies vegetais.

Tomemos os versos iniciais do Hino do bairro, de autoria de Lourdes Figueiredo e Maria Alice Pinto Saraiva, datado de 1965:

Entre morros verdejantes
A Tijuca foi crescendo
Nas manhãs, saraus e festas
Violões tocando

Geograficamente, a Tijuca nasceu cercada pelo grande maciço de mesmo nome, presenteada com a grande reserva de Mata Atlântica, o que tornava o local, segundo declaração de um estrangeiro que esteve no Brasil em 1874, “tão saudável, fresco e agradável para viver que por lá não chega[va] o germe da febre amarela”¹, tendo em vista, de acordo com o seu depoimento, que o bairro situava-se numa elevação de quase dois mil pés acima da cidade.

O bairro está ligado por uma malha de transportes (rodoviários e ferroviário – Metrô) praticamente a todas as regiões da Cidade do Rio de Janeiro, oferecendo uma infraestrutura comercial que garante o grande vai-vem de pessoas por suas principais artérias, o que permite também a grande circulação e troca de informações.

Segundo Gerson, a “Praça Saenz Peña, nos dias de hoje, representa para toda a zona norte [do Rio] um papel semelhante ao da avenida Nossa Senhora de Copacabana para a zona sul [da cidade do Rio], tão cheia de vida que ela é, centro de tantas diferentes atividades”ⁱⁱⁱ, mas também palco de muitos encontros e desencontros entre morro e asfalto.

É fala corrente entre seus habitantes ser o único bairro do Rio de Janeiro com epíteto: *Tijucano* – um título soberano, conforme declara o compositor Moacyr Luz, ilustre morador do bairro, verdadeiro tijucano. O tijucano tem tanto orgulho de sua condição que costuma declarar, mesmo tendo alcançado o seu sonho dourado de morar na Barra, que ‘até a Barra é da Tijuca’ – “nós os tijucanos, ‘libertos’ das amarras concretas do espaço geográfico, nela permanecemos por toda vida, onde quer que estejamos”ⁱⁱⁱⁱ. Coisa de tijucano!

Hoje, devido à ocupação desordenada do maciço da Tijuca por inúmeras comunidades das classes populares - favelas, o bairro está totalmente descaracterizado, no que se refere à paisagem natural, que já foi o seu cartão postal. A grande concentração de área verde, ainda presente na região, localiza-se no Parque Nacional da Tijuca, que abriga a bela Floresta urbana, refúgio de lazer dos cariocas, principalmente nos finais de semana. Todo esse manancial serve de inspiração aos artistas moradores do bairro (ou não, mas tijucanos de coração).

Os versos de Aguiar ilustram bastante bem a Tijuca de ontem e a Tijuca de hoje:

Das plantações de cana e café à rua das flores
Do Major Archer ao Parque Nacional da Tijuca
Da Fonte do Vintém à Bica do Monteiro
Do curso ao Salgueiro, Unidos e Império
De Lamartine Babo a Aldir Blanc e Moacyr Luz
Das chácaras aos condomínios
Dos bailes de gala ao Alzirão
A Tijuca conserva seus encantos^{iv}

Do bairro tranqüilo, conservador, com certo ar de aristocracia ao bairro agitado, violento e partido, entre morro e asfalto, vai uma grande distância, mas, sem dúvida, a Tijuca ainda conserva muitos encantos em vários cantos e recantos.

Aguiar revisita, de forma bastante sintética, o processo de transformação pelo qual passou o bairro. As antigas lavouras de café e engenhos de cana-de-açúcar deram lugar a agitada rua das Flores (rua Major Ávila) assim chamada pelo grande número de quiosques de venda de flores ali instalados, colorindo e enfeitando a dureza dos prédios que circundam a Praça Saenz Peña; da Fonte do Vintém (onde hoje é a rua Aguiar) que distribuía água para a população à Bica do Monteiro, hoje uma relíquia para o bairro; dos corsos dos antigos carnavais às grandes escolas de samba; da música de ontem – Lamartine Babo, Noel Rosa, Sinval Silva – à música de hoje – Aldir Blanc, Moacyr Luz e tantos músicos ainda anônimos pelos ‘bares da vida’; dos bailes de gala dos quase vinte clubes localizados no bairro ao espaço democrático das grandes comemorações no *Alzirão*, ponto de concentração de muitas gentes, fazendo do local uma explosão de alegria e de grandes encontros (confluência das ruas Alzira Brandão e Conde de Bonfim).

A Tijuca sempre se caracterizou por manter uma íntima relação com as manifestações culturais da Cidade do Rio de Janeiro. Era considerada a ‘Cinelândia da zona norte’, chegando a ter duas salas de projeção a mais do que a Cinelândia, na zona centro do Rio. Vários estúdios cinematográficos também escolheram o bairro para ali se instalarem: *Estúdio Ômega Filmes*, *Brasil Vita Filmes*, *Estúdio Atlântida*, *Companhia Cinematográfica Herbert Richers*, que hoje abriga um dos estúdios da *Rede Globo de Televisão*. A *Companhia Brasileira de Discos* teve como endereço de sua sede a Estrada das Furnas, no Alto da Tijuca. Os quase vinte clubes sociais localizados no bairro, dentre eles nove clubes luso-brasileiros, possibilitaram maior circulação dos modismos e das trocas sociais e culturais.

Na década de 30 (século XX) foi inaugurada a *Rádio Cajuti*, ligada institucionalmente ao *Tijuca Tênis Clube*, na qual havia um programa dirigido por Francisco Alves. Neste programa foram lançados vários nomes da nossa música, como, por exemplo, Orlando Silva. Hoje o bairro ainda mantém uma emissora de rádio, na faixa FM, com alcance somente na grande Tijuca, com o objetivo de veicular a boa música nacional e os serviços oferecidos pela região. A emissora é basicamente mantida pelos comerciantes dos bairros, interessados na divulgação de seus produtos.

O famoso *Café Palheta*, instalado no coração da Praça Saenz Peña, tornou-se o ícone da resistência cultural e artística da Tijuca, principalmente nos idos e sofridos anos 60 e 70 (século XX). Local de muitos encontros e discussões de projetos. Era comum entre os tijucanos, após a saída dos cinemas, ouvir-se a seguinte frase: *Que tal um cafezinho no Palheta?*

Recentemente, no ano de 2004, quando o *Café* se viu obrigado a fechar suas portas, tendo em vista a venda do imóvel que o abrigava, houve grande mobilização dos tijucanos pela sua preservação naquele mesmo local. Tal fato levou a Prefeitura do Rio a assumir acordo com os novos proprietários do imóvel, que, mesmo com a mudança de ramo (passaria a ser uma farmácia), o espaço de entrada deveria ser mantido de forma a continuar abrigando um lugar de memória, tão importante não só para o bairro, mas, acima de tudo, para a Cidade. Hoje, com a sensibilidade de todos, o *Café Palheta* continua presença marcante na Tijuca e na vida de todos os Tijucanos.

Não foi por acaso que a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro escolheu a Tijuca para instalar o *Centro Coreográfico do Município do Rio de Janeiro*, no antigo espaço histórico que abrigou até o final do século passado a fábrica da cervejaria *Brahma*, na avenida Maracanã; também, não por acaso, está instalando o *Centro de Referência da Música Carioca*, em um antigo casarão, em estilo eclético, construído em 1939,

que ainda preserva muito de sua beleza original, situado à rua Conde de Bonfim, esquina com rua Garibaldi, exatamente em frente ao hoje famoso Bar da Dona Maria (Bar Brotinho), *point* de reuniões musicais, ponto de encontro de músicos tais como Aldir Blanc, Moacyr Luz (moradores ilustres da rua Garibaldi), Jards Macalé, Luiz Carlos da Vila, Carlinhos Sete Cordas, Monarco, Beth Carvalho, dentre outros.

Segundo as palavras de Aldir Blanc,

É no buteco da esquina que arquitetamos nossos projetos mais sublimes, nossos sonhos mais elevados – os mesmos que desmoranam assim que enfiamos a chave na fechadura do que se convencionou chamar de residência. Tudo bem. O lar é meu segundo bar.^v

Sem dúvida, os bares da Tijuca vêm sendo, ao longo de décadas (a história está aí para comprovar), espaços privilegiados onde muitos dos movimentos musicais têm sido gestados. O Bar da Dona Maria não foge à essa regra. O violão é sempre presença marcante naquele espaço de convivência entre tijuicanos de muitas paragens.

Valdemar Ressurreição, um cearense que virou tijucano, compôs uma canção para enaltecer o bairro que o adotou; trata-se da canção *Meu bairro canta*, gravado pelo grupo *Quatro Ases e um Coringa*. Eis os seus versos:

Eu quero enaltecer um bem que adoro,
O meu bairro onde moro,
meus amigos fiéis.
Dizer que o meu coração não sai
Saenz Peña, rua Uruguai, a Muda, Ponto Cem Réis.
Citar a velha Fábrica de Chitas,
Tantas garotas bonitas
Que o Salgueiro tem aos pés.^{vi}

É interessante destacar que Ressurreição na década de 50 do século passado já apontava, em canção, que seu bairro, a Tijuca, cantava – e continua cantando: nos bares, nos ensaios das escolas de samba, nas biroscas dos inúmeros morros que circundam a região.

Foi abandonando os saraus aristocráticos e ganhando as ruas, os bares. Foi descendo o morro e se fazendo presente no asfalto, que a música vem, ao longo de décadas, inundando toda a Tijuca e se fazendo mais do que presente no mapa musical da Cidade, encontrando o seu grande ancoradouro na região que aqui chamaremos de grande Tijuca, incluindo os bairros da Tijuca, Estácio, Maracanã, Vila Isabel, Andaraí, Grajaú, Mangueira. Região que se tornou responsável pelo surgimento dos grandes movimentos musicais e o lançamento de grandes nomes da Música Popular Brasileira.

A região é hoje considerada o celeiro de bambas da nossa melhor música. Das toadas de violão, serenatas, valsas e maxixes ao movimento da Bossa Nova, tendo como semente o fã-clubes Sinatra-Farney (rua Moura Brito); do samba de raiz aos pagodes nas mesas dos inúmeros bares espalhados nas muitas esquinas dos bairros; dos antigos cordões e corsos dos antigos carnavais ao grande número de blocos e bandas surgidos no interior dos bares, dentre tantos podemos destacar: *Nem Muda Nem Sai de Cima*, *Chope Duplo*, *Haddock*, *Segunda*; da Deixa Falar (primeira escola de samba, nascida no bairro do Estácio) à explosão no carnaval de 2005 da Unidos da Tijuca, passando pelo Salgueiro, Mangueira, Vila Isabel, Império da Tijuca, Bloco Carnavalesco Flor da Mina do Andaraí; das rodas de samba ao movimento da Jovem Guarda, surgido no *Divino Bar* (rua Hodock Lobo esquina de rua Barão de Ubá) nos encontros de Erasmo e Roberto Carlos, Tim Maia, Jorge Benjor, Wanderléia, Vanderley Cardoso; do Divino Bar ao Bar da Dona Maria, onde hoje há uma interessante ‘agitação’ musical em torno do Bloco Nem Muda Nem Sai de Cima, liderado por Aldir Blanc e Moacyr Luz; das batidas das caixas de fósforos de Noel Rosa aos ‘chorões’ do Bar do Chico’s outro *point* de ‘agitação’ musical que enche de som e alegria o bairro do Maracanã, nos finais das tardes de domingo; dos encontros musicais na residência do psiquiatra Aloísio Portocarreiro (rua Jaceguai 27), na

décadas de 60 e 70 do século XX aos saraus na residência de Moacyr Luz (rua Garibaldi 61); de Ismael Silva a Martinho da Vila, passando por Cartola, Nelson Cavaquinho, Nelson Sargento, Luiz Carlos da Vila, Ney Lopes, Zuzuca, Bala, Sinval Silva, Luiz Melodia; do Bando dos Tangarás (década de 20 – séc.XX) ao Movimento Artístico Universitário – MAU (décadas 60 e 70 – séc. XX), passando por Noel Rosa, João de Barros (o Braguinha), Almirante, Ivan Lins, Luiz Gonzaga Júnior (o Gonzaguinha), César Costa Filho, Paulo Emílio, todos os sons e tons tiveram e continuam tendo lugar neste pedaço, ainda romântico e bucólico da Cidade do Rio de Janeiro (apesar de todos os apesares).

Ruy Castro, em seu livro *Chega de Saudade: a história e as histórias da bossa nova*, declara que, já no ano de 1949, “ignorando o escarcéu de cuícas e reco-recos que vinha do bárbaro mundo exterior”^{vii}, as reuniões que aconteciam em um porão situado à rua Moura Brito, na Tijuca, envolvendo os fãs de Frank Sinatra e Dick Farney, apontavam, sem saberem, para a semente do que viria a ser o grande movimento da Bossa Nova.

O Bloco Nem Muda Nem Sai de Cima, já anteriormente mencionado, revisitou e deu visibilidade à história musical do bairro, no Carnaval de 2003; assim, o tema escolhido para seu samba foi *Tijuca, berço da MPB ou Que turma maluca essa da Tijuca*, tendo como versos iniciais:

O som da MPB ecoa forte na Tijuca
Nem Muda Nem Sai de Cima
Traz o canto das esquinas
Dessa turma tão maluca.^{viii}

Como vemos, a música sempre explodiu nos recantos da grande Tijuca, enchendo o ambiente de muitos tons e cantos diferenciados. Somados às valsas e maxixes, à Bossa Nova, à Jovem Guarda, as cuícas e os reco-recos começaram a ecoar com mais evidência nas paragens da região – Salgueiro, Mangueira, Unidos da Vila Isabel,

da Tijuca, de São Carlos, Império da Tijuca vêm marcando a cadência do samba, unindo morro e asfalto. É ainda comum no período compreendido entre as festas de final do ano – Natal e Ano Novo – e o Dia de Reis, as principais ruas da Tijuca e da Mangueira se vestirem com as cores e os sons das Folias de Reis, para realizarem seus encontros. Preservam essa tradição as comunidades da Formiga, do Borel e da Mangueira.

Como diz Moacyr Luz, na Tijuca “[o] paralelepípedo corta a história, o pitoresco atravessa uma lembrança e até os morros dos pergaminhos se elevam com luzes e um caminho com nomes”.

Notas:

ⁱ - Elizabeth Dezouart Cardoso et alii. *História dos bairros: Tijuca*. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia, 1984. p. 36. In. Lili Rose Cruz Oliveira e Nelson Aguiar. *Tijuca, de rua em rua*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2004. p.21.

ⁱⁱ - Brasil Gerson. *História das ruas do Rio*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000. p.355.

ⁱⁱⁱ - Op. cit. I. p. 81.

^{iv} - Idem. p. 11.

^v - Aldir Blanc. *Rua dos Artistas: Diabolô*. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil* – Caderno B, 05/05/2005. p. B5.

^{vi} - Versos da canção exaltativa de Valdemar Ressurreição, intitulada *Meu bairro canta*, composta em 1950 pelo grupo Quatro Ases e um Coringa, retirada do livro *Tijuca, de rua em rua*, de Lili Rose e Nelson Aguiar, obra já citada.

^{vii} - Ruy Castro. *Chega de saudade: a história e as histórias da bossa nova*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 36.

^{viii} - Tema do samba do Bloco Nem Muda Nem Sai de Cima para o Carnaval 2003, de autoria de Guilherme Sá, Leandro Paulo, Marcello Motta, Thiago Daniel e Vicente Oliveira.